

Dentro da noite: onde os males humanos afloram

Alexandro Chagas Florentino

Especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade - IF Fluminense
alexandro.cf@gmail.com

Resumo

A partir do pressuposto de que a literatura é um processo de construção de representações, e que ela é capaz de fazer aflorar uma determinada visão sobre o mundo, este trabalho tem por objetivo fazer uma análise, com o enfoque da memória subjetiva, do livro de contos *Dentro da noite* do escritor João do Rio. Assim, procurou-se evidenciar a maneira como o autor se relaciona com o seu tempo, o modo como ele se identifica e se comporta diante dos acontecimentos ao seu redor, e, até mesmo, encontrar as indagações, frustrações e expectativas do próprio autor.

Palavras-chaves: Literatura. Século XX. Dentro da Noite. João do Rio.

Introdução

Segundo Lúcia Lippide Oliveira (1984), a literatura e toda produção literária é um fenômeno social, na medida em que resulta de convicções, crenças, códigos e costumes sociais e exprime a sociedade, não literalmente, ou integralmente como fosse seu retrato fiel, mas a modificando-a e chegando até mesmo a negá-la.

E mesmo com essa possibilidade, a da literatura emergir de uma determinada realidade histórica, isso não significa que ela deva ser sua fotografia, ou registro fiel como sugere Otaviano Paz (1983, p. 12-34): a literatura, constantemente, tende a rebelar-se contra esse real, mostrando, com certa frequência, a sociedade de tal maneira que ela própria recusa reconhecer-se. O que nos leva a considerar a existência de uma relação contraditória, imprevisível e necessária.

A sociedade é ao mesmo tempo uma realidade objetiva e subjetiva. Se o escritor exterioriza seu ser no mundo social, ele também o interioriza como realidade objetiva. Não

há, portanto, um mundo dos fatos que plaina acima do indivíduo. Essa relação unilateral e objetiva entre os termos não existe. Existe sim, uma profunda dinâmica entre indivíduo e sociedade feita de interações, deslocamentos e modificações.

Outra questão a ser levantada sobre a produção literária com base em uma suposta realidade é justamente a concepção de real, principalmente se formos levar em consideração a hipótese de que cada indivíduo, inserido em um determinado contexto social, se orienta embasado em suas subjetividades para interagir e construir o que é denominado real.

Fazer acontecer um mundo real é já produzi-lo, e o real jamais foi outra coisa senão uma forma de simulação. Podemos, certamente, pretender que exista um efeito real, um efeito de verdade, um efeito de objetividade, mas o real, em si, não existe (BAUDRILLARD, 2001, p. 41).

Ou seja, até o que chamamos de real é uma construção por meio da subjetivação de indivíduos. E creio que ao levantar essas questões podemos chegar a compreender a idéia do escritor enquanto construtor de representações: um sujeito que idealiza e representa o real a partir de suas convicções, subjetividades e experimentações de todo contexto social em que interage.

Porém cabe ressaltar mais uma vez que essa construção por parte do escritor não é um retrato fiel da realidade, e sim uma idealização a partir de processos subjetivos, assim construindo, por intermédio artístico (a literatura), algo que é real para si.

Ao estabelecer este contexto teórico podemos avançar para o objetivo central deste artigo, que é o de analisar o livro de contos *Dentro da noite*, de João do Rio. Com isso, pretendo estabelecer uma relação dos contos e do autor com o período em que foi escrito.

Breve contexto histórico: a cidade do Rio de Janeiro no século XX

O início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, foi “a época dos enriquecimentos milagrosos, das falsas fortunas, dos caça-dotes, especuladores e dos golpistas” (CARDOSO, 2005, p. 102). Nesse período, destacam-se quatro princípios fundamentais que regem a transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca:

A condenação dos hábitos e costumes ligados pela maioria à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute das camadas aburguesadas e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense (CARDOSO, 2005. p. 102-103).

Um mundo onde as coisas e os homens perambulam pelos lugares sem poder estabelecer uma relação de sentido. Um mundo onde reina a solidão, o individualismo, um enorme pesadelo existencial. O século XX não triunfou sobre a ignorância, a guerra e a violência, pelo contrário, propiciou o estabelecimento da “barbárie”, que para Jean-François Mattei (2002), de forma simplificada, significa toda forma de esterilidade humana, seja no campo da cultura, da ética, da política, da arte ou da educação.

E é inserido e interagindo com esse contexto que João do Rio, em 1910, mesmo ano em que entrou para a Academia Brasileira de Letras, publica seu primeiro livro de contos: *Dentro da noite*. Nessa época, a cidade do Rio de Janeiro era o centro político, comercial e populacional do país, onde:

as atividades de importação foram intensificadas nesse período e a cidade recolhe influências da Europa e da América, cultuando a última moda com uma euforia consumista. O Rio respira a modernidade, mas é uma cidade que parou em si mesma no tempo – sua estrutura urbana é velha, ultrapassada, e defronta-se com numerosos problemas de desenvolvimento. Foi uma época agitada, entre o saneamento, revoltas, a derrubada de velhos prédios, abertura de avenidas: enfim, o “Rio civiliza-se” em determinados pontos de superfície, mas a miséria continua (OLIVEIRA, GENS *apud* RIO, 1991, p. X).

Estruturas e situações que, de certa maneira, são importantes para a composição de seus escritos. O escritor João do Rio experimenta, interioriza suas “vivências” e essas passam a fazer parte de sua ficção, porém modificando-a por meio de processos de subjetivações.

Outra questão importante e que também interfere na confecção de seus textos é o fato dele ser mulato e homossexual assumido. Com isso, juntamente com seu estilo mordaz e sarcástico, atraía críticas severas dos intelectuais conservadores de seu tempo, como é o caso do escritor Monteiro Lobato, que em 25 de maio de 1919, escreve a Lima Barreto em uma carta: “não podes entrar para a Academia por causa da ‘desordem de tua vida urbana’”,

no entanto, ela admite a frescura de um João do Rio” (LOBATO *apud* DOMINGUES, 2002, p. 03).

Adentrando na noite

Decadência, essa palavra sintetiza a construção, a representação que João do Rio faz dos indivíduos e da sociedade do início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro. O conto *Dentro da noite*, que dá nome ao livro, mostra bem essa decadência psíquico-social, tendo como personagem central um homem que incapaz de ter um relacionamento dito normal com uma mulher vê-se na obrigação de se entregar à patologia de querer ferir, causar dor às mulheres para que tenha seus prazeres saciados. Numa passagem, ele narra:

No primeiro instante, a minha vontade era bater-lhe com pesos, brutalmente. Agora a grande vontade era de espetá-los, de enterrar-lhes longos alfinetes, de cozê-los devagarinho, a picadas. E junto de Clotilde, por mais compridas que trouxesse as mangas, eu via esses braços nus como na primeira noite, via a sua forma grácil e suave, sentia a finura da pele e imaginava o súbito estremeção quando pudesse enterrar o primeiro alfinete, escolhia posições, compunha o prazer diante daquele susto de carne que havia de sentir (p. 03).

Vale ressaltar que a relação do autor “com o Decadentismo reflete-se além de sua própria produção literária, já que João do Rio foi o primeiro tradutor brasileiro de Oscar Wilde, grande ícone dos decadentistas” (SENRA, 2006, p. 23).

Como exemplo, cito o Barão Belfort, um perfeito estereótipo de um decadentista retratado no segundo conto *Emoções* da obra de João do Rio: “um velho dândi sempre impecável que diz as coisas mais horrendas com perfeita distinção” (p. 10).

O Barão é uma representação de verdadeiros modelos da estética decadentista: aristocrata, amante das artes e com um comportamento que por vezes beira à futilidade e à excentricidade.

O dândi encara a arte, em muitos casos a arte greco-romana, como uma espécie de “válvula de escape” do mundo. Todavia, no caso desse dândi carioca, não é apenas a arte clássica que pode se enquadrar nessa concepção “redentora”. O Barão Belfort manifesta em sua personalidade

outras necessidades que caminham notoriamente entre o bizarro, o sádico e, muitas vezes, o patológico (SENRA, 2006, p. 24-25).

O conto tem início apresentando o Barão jogando cartas com “um moço febril, que à lapela trazia um crisântemo amarelo, da cor da sua tez” (p.06). O jovem, de nome Osvaldo, demonstra tensão, nervosismo e está imensamente interessado no jogo. Ao terminar a partida, Belford, em conversa com o personagem que narra o conto, afirma que Osvaldo é seu objeto de estudo. Por meio de sugestão e manipulação, o Barão faz com que um rapaz que odiava o jogo se torne definitivamente viciado e dependente do carteador. Ao ser indagado pelo narrador se queria perder o rapaz, o Barão afirma:

Oh! não, quero gozá-lo. Tu sabes, o homem é um animal que gosta. O gosto é que varia. Eu gosto de ver as emoções alheias, não chego a ser o bisbilhoteiro das taras do próximo, mas sou o gozador das grandes emoções de em torno. Ver, sentir, forçar as paixões, os delírios, os paroxismos sentimentais dos outros é a mais delicada das observações e a mais fina emoção (p.06).

Ao se fazer uma análise do personagem Barão Belford, é possível perceber uma espécie de “dândi bizarro” em seu caráter. Ele é um indivíduo, acintosamente, desprovido de sentimentos, buscando testemunhar as emoções vivenciadas por outros indivíduos, para que também possa senti-las.

Para conseguir tais emoções, Belford não se importa em estimular o vício em um ser humano e levá-lo à morte. Essa situação pode ser verificada no último parágrafo do conto, quando o Barão Belford confessa a sádica expectativa de que o jovem Osvaldo tenha o mesmo desfecho de Praxedes, um chinês que o Barão levou ao vício do jogo e por conseguinte à morte.

Contudo podemos encontrar nos contos do João do Rio o que Ecléa Bosi denomina como “os aspectos do cotidiano, os microcomportamentos, que são fundamentais para a Psicologia Social” (2003, p. 13). O que acaba por registrar um modo de perceber comportamentos e modos de pensar de uma sociedade em dado período.

Sendo assim, é possível encontrar um amplo contexto psíquico-social validado por pequenas histórias descontínuas e fragmentadas. O que não é possível encontrar na história oficial respaldada por seus documentos oficiais. Ela não é capaz de identificar as paixões

individuais que se escondem atrás destes episódios, o que Ecléa chama “psicologia dos microcomportamentos” (2003, p. 15).

Tendo estabelecido tais conceituações e dando continuidade a elas, podemos observar o conto “A sensação do passado”, em que um grupo de pessoas levanta uma discussão sobre o possível fato de o homem moderno não possuir a sensação do passado, pois este homem vive a vida intensamente, assim não existindo propriamente um passado, “há um acumulador que não dá a impressão especial do antigo, do acabado, do que não volta mais e há muito tempo terminou” (p. 34).

E para ilustrar tal situação, o conhecido personagem Barão Belfot passa a narrar um suposto episódio que presenciou num salão de dança, num dia de baile, onde um “mulato de pastinhas, com os colarinhos altíssimos e o jeito pernóstico de levantar o dedo mínimo onde fuzilava um solitário, dirigia a caravana de notas, radiante como um deus e suado como uma caldeira” (p.35), tocando suas mais novas composições, “músicas do momento”.

Porém Firmino, o músico, sente uma súbita e forte dor de dente, o que lhe impossibilita de continuar a tocar, paralisando o baile. Até que um dos rapazes presentes na ocasião vê na rua o Prates, que é imediatamente convidado a tocar.

O Prates, há vinte e cinco anos, era o Firmino de hoje. Morreu-lhe a mulher, foi para uma fazenda, não sei. O fato é que, quando voltou, já outros lhe tinham tomado o lugar. O Prates anda por aí furioso contra os rivais, e passa as noites assistindo aos bailes como convidado do sereno. Não perdeu o hábito, coitado! Era a sua atmosfera... De manhã lê os cumprimentos dos jornais e à noite espia os saraus. Original. Lá está ele. É aquele gorducho, de cavaignac branco, com um ar de agente de polícia aposentado (p. 35).

Só que Prates toca apenas suas composições de vinte e cinco anos atrás. Com isso, causa um grande descontentamento no público. Esvazia-se o salão e ficam só o velho músico e o Barão. Este último sentencia: “só as coisas absolutamente insignificantes dão a sensação do passado” (p. 35).

Analisando esse conto, além das questões decadentistas, podemos observar a solidão vivenciada pelo indivíduo do século XX. E o homem moderno é solitário devido ao individualismo, pois cada um só se interessa pelo que lhe diz respeito, pelo que pode lhe afetar.

As indagações, expectativas, frustrações e agonias de um indivíduo não interessam a ninguém. Não há uma só alma solidária a dividir o fardo do simples fato de existir, mas fica cada um com o seu, melancolicamente, em seus cantos. Essas indagações, frustrações e agonias são consideradas pelo personagem do Barão Belfort como algo insignificante sendo elas responsáveis pela sensação de passado.

Também podemos estabelecer uma relação do contexto histórico, vinculando a busca pela imagem de uma sociedade civilizada nos moldes europeus, que é constante, com o que Ecléa Bosi em *O tempo vivo da memória* analisa a respeito dos objetos biográficos e de *status*.

Afinal, com essa incessante busca pela imagem de alta civilização, aliada ao grande desejo de se ter um lugar de destaque na sociedade por meio do poder de consumo, é extremamente difícil obter, construir e valorizar “as coisas que envelhecem conosco” e que “nos dão a pacífica sensação de continuidade”, sobressaindo apenas “o que a moda valoriza”, mas que “não se enraízam nos interiores ou tem garantia por um ano, não envelhecem com o dono, apenas se deterioram” (BOSI, 2003, p.25).

Considerações finais

A literatura transgride o sentido real, mesmo que ela possa basear-se em determinada realidade histórica. A literatura é uma construção de representações, e essa construção é realizada por meio da subjetivação do escritor. Com isso, ele, ao construir uma representação do real, deixa emergir sua própria visão de mundo.

E ao fazer uma análise do livro de João do Rio, *Dentro da noite*, podemos encontrar essa visão de mundo que cresce aos nossos olhos ao ler cada página. O escritor exterioriza todo um contexto social, uma série de situações que já vivenciou, porém não como um retrato fiel, e sim o que assimilou e interpretou, exprimindo seu ponto de vista em relação ao que experimenta do mundo.

Especificamente em *Dentro da noite*, podemos enxergar como João do Rio vê seu tempo e sua sociedade. Um tempo em que indivíduos perambulam acompanhados da solidão e imersos em pesadelos existenciais. Também podemos evidenciar a influencia da

estética decadentista herdada, principalmente, de Oscar Wilde, de quem foi o primeiro tradutor brasileiro.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARDOSO, Sebastião Marques. Novos itinerários de João do Rio: tecnologia e percepção literária em inícios do século XX. *Revista Analecta*, Guarapuava, Paraná, v. 6, n. 1, p. 101-116, 2005.

DOMINGUES, Chirley. João do Rio: *Chega de "Saudade"*. [online] 2003, revisado em out. 2006. Disponível em: <www4.univali.br/uploads/b44ttgqnp442xmh.doc>. Acesso em: 5 set. 2006.

_____. *Dentro da noite*. [online] VirtualBooks 2002, revisado em out. 2006. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/dentro_da_noite.htm> Acesso em: 5 set. 2006.

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. Tradução: Isabel M. Loureiro. São Paulo: Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippide. *Literatura e sociedade: teoria literária e análise sociológica em Sônia Salomão Khé*, de (Org) Contrapontos da Literatura. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

PAZ, Otaviano. "L'Amérique Latine et la démocratie". *Esprit: Amériques Latines à La Une*, Paris, v.10, n.82, p. 12-32, oct. 1983.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. 2ª tiragem. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura. Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1991.